

## ESTRELA DE SETE PONTAS: ANÁLISE DO LIVRO-REPORTAGEM ROTA 66 DE CACO BARCELLOS

Cristiane de Carvalho FRAGA<sup>1</sup>  
Hellen Cristina Picanço SIMAS<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa busca identificar as características do Jornalismo Literário presentes na obra **Rota 66: a história da polícia que mata**, de **Caco Barcellos**, a partir das características propostas por Felipe Pena (2006). Faremos, também, reflexões dos conceitos de Jornalismo Literário e sobre a convergência entre Jornalismo e Literatura. O *corpus* de estudo é composto pelo livro-reportagem **Rota 66: a história da polícia que mata**, de **Caco Barcellos**, publicada pela Editora Globo, em 1997. A metodologia aplicada parte de uma revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa dos pressupostos teórico acerca de Jornalismo, Literatura e Jornalismo Literário, a partir dos autores Felipe Pena (2006), Edivaldo Pereira Lima (2009), Rildo Cosson (2001), Tom Wolfe (2005) e Marcelo Bulhões (2007). Assim, o Jornalismo Literário vem a ser a convergência entre as técnicas da escrita literária e a prática do ofício jornalístico, que se baseia na captação, apuração e edição de informações de forma verossímil, que retrate a realidade mostrando ao grande público, temas de interesse e relevância social.

**PALAVRAS-CHAVES:** Jornalismo, Literatura, Jornalismo Literário, livro-reportagem, Caco Barcellos.

**ABSTRACT:** This research seeks to identify the characteristics of Literary Journalism this **Route 66: the story of the police who kill**, by **Caco Barcellos**, from the characteristics proposed by Felipe Pena (2006). We're going to do, also, reflections of the Literary Journalism concepts on convergence between Journalism and Literature. The corpus of study is composed of the book report **Route 66: the story of the police who kill** by **Caco Barcellos**, published by Editora Globo, in 1997. The methodology used part of a literature review and qualitative research of theoretical assumptions about Journalism, Literature and Literary Journalism, from the authors Felipe Pena (2006), Edivaldo Pereira Lima (2004), Rildo Cosson (2001), Tom Wolfe (2005) and Marcelo Bulhões (2007). So Literary Journalism becomes the convergência between the techniques of literary writing and the practice of journalistic work that is based on the gathering and editing of information in a verisimilar way that portrays reality by showing the great public topics of interesting and social relevance.

**KEYWORDS:** Journalism, Literature, Literary Journalism, book report, Caco Barcellos.

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

<sup>2</sup>Doutorada em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora efetiva do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

## INTRODUÇÃO

O Jornalismo Literário tem vários conceitos, que variam em cada parte do mundo ou entre os autores que discutem o gênero. Os espanhóis entendem o conceito de Jornalismo Literário a partir de dois pilares: o periodismo de *creación* e periodismo informativo de *creación*, no qual o primeiro refere-se a textos literários publicados em jornais, já o segundo aos textos informativos com estética narrativa apurada.

No Brasil, compreende-se como o período do século XIX, em que escritores ligados essencialmente à literatura passaram a frequentar os jornais assumindo funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins. De acordo com Bulhões (2007), destacam-se Euclides da Cunha com a cobertura da Guerra dos Canudos, os cronistas Machado de Assis, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade. Além dos folhetinistas Francisco Otaviano, José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, que a presença deles fez criar um jornalismo mais engajado em que a linguagem não tem tanta objetividade. Há autores que veem o Jornalismo Literário como as críticas de obras publicadas em jornais. Outros ligam o gênero ao movimento denominado de *New Journalism* ocorrido na década de 1960 nos Estados Unidos. (PENA, 2006)

Nessa perspectiva, este artigo analisa o livro-reportagem **Rota 66**, de **Caco Barcellos**, identificando as características do Jornalismo Literário presente na obra, além de discutir a convergência entre Jornalismo e Literatura. A partir disso, apresentaremos o conceito *New Journalism*, e também do gênero Jornalismo Literário, as suas definições e características, enfatizando o formato mais utilizado para a produção de Jornalismo Literário, o livro-reportagem.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, utilizaremos os estudos apresentados por Marcelo Bulhões (2007) sobre Jornalismo e Literatura e, também, as obras de Felipe Pena (2006), Tom Wolfe (2005) e Edivaldo Pereira Lima (2004), que conceituam e caracterizam o Jornalismo Literário e o *New Journalism*. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo com revisão bibliográfica, tendo como *corpus* de estudo a obra **Rota 66**, de **Caco Barcellos** publicada em 1997 pela Editora Globo.

A relevância desse estudo, no âmbito acadêmico, se dará por servir como material de apoio que suscite novas discussões sobre os conceitos e características do Jornalismo Literário e os pontos de convergência e divergência entre o Jornalismo e a Literatura. No âmbito social, pela temática apresentada na obra **Rota 66**, de **Caco Barcellos**, pois identifica uma realidade

que está presente, não só na cidade de São Paulo, como também em outras cidades do Brasil, faz-se necessário que temáticas como essas sejam apresentadas e estudadas.

## 1. JORNALISMO LITERÁRIO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Para Cosson (2001, p. 32), o Jornalismo Literário é visto como resultado “[...] do entrecruzamento do gênero “literário” romance com o gênero “não literário” reportagem, ou, em outras palavras, da intersecção das marcas constitutivas e condicionadoras da narrativa romanesca e da narrativa jornalística”. É a partir daí que surge o Jornalismo Literário, um gênero híbrido que uni duas áreas do conhecimento “distintas”, mas convergentes, o Jornalismo e a Literatura.

De acordo com Pena (2006), a principal preocupação do Jornalismo Literário está em contextualizar a informação, verificando todas as possibilidades de aprofundamento do fato, característica que não seria possível no jornal diário devido ao espaço limitado disponibilizado para dar a informação.

Assim como o Jornalismo Literário, o *New Journalism* surgiu como manifesto ao Jornalismo cotidiano, que de acordo com seu precursor, Tom Wolfe, criticava a objetividade das notícias, ou seja, ausência de profundidade e a escrita literária nos textos jornalísticos daquela época. Isso tudo devido à modernização da imprensa jornalística ocorrida na década de 50, em que se iniciou o processo de padronização da escrita das notícias, foi a partir desse período que surgiu o lide.

O lide é o texto inicial das matérias jornalísticas que responde a seis perguntas básicas: o que, quem, quando, onde, como e por quê. Essa era e até hoje ainda é a receita que deve ser seguida ao se escrever uma notícia. Atualmente essa regra é mais flexível, mas, na década de 50 e 60, tornou-se padrão em todo o território norte-americano.

A padronização da escrita jornalística que visava à objetividade irritou um grupo de jornalísticas que se uniram e começaram fazer matérias especiais que agregavam o ofício do Jornalismo à estética da escrita literária, um trabalho jornalístico-literário, dando início ao movimento denominado de *New Journalism*.

Na trajetória do *New Journalism*, exemplos claros da narrativa jornalística-literária estão presentes na reportagem de Gay Talese sobre o ex-boxeador Joe Louis publicada na revista *Esquire* em 1962. “Talese constrói seu texto apoiando-se largamente em diálogos intimistas - como o entabulado entre Louis e sua esposa - manejando com habilidade um atraente jogo narrativo-expositivo”. (BULHÕES, 1007, p.147).

A tendência é seguida por Jimmy Breslin, em 1963, que adota o mesmo estilo desafiador ao escrever para o jornal *Herald Tribune*. Um ano depois, aparece Tom Wolfe, que escrevia para ambos os veículos de comunicação:

O atrevimento de Wolfe vinha com transgressões mais cortantes, tanto no manejo das técnicas de captação jornalística, quanto no plano da expressão verbal, com a presença extravagante de travessões, pontos de interrogação, reticências, uso multiplicado de letras para produzir um efeito gráfico e fônico e mudanças constantes de foco narrativo, em que o narrador entra na cabeça de seus personagens, assumindo sua perspectiva e as marcas da sua linguagem (BULHÕES, 2007, p. 147).

O atrevimento de Talese, Breslin e, principalmente, Wolfe, influenciou outros jornalistas, como Brock Bower, Terry Southern, Robert Benton e Tom Gallagher. Inserido nesse cenário aparece o escritor literário Truman Capote, responsável pela consagração do gênero. Capote publica em 1966, *A sangue frio*, livro de grande impacto entre leitores, escritores e jornalistas da época.

A história de Capote, contando a vida e a morte de dois vagabundos que estouraram as cabeças de uma rica família rural em Kansas, foi publicada em capítulos na *The New Yorker*, no outono de 1965, e saiu em forma de livro em fevereiro de 1966. Foi uma sensação - um baque terrível para todos os que esperavam que o maldito Novo Jornalismo ou Para jornalismo se esgotasse como uma moda (WOLFE, 2005, p.45).

Como em um romance, Capote mostrou em detalhes a vida dos criminosos, das vítimas, dos vizinhos, dos policiais, entre outros personagens envolvidos na trama. Assim, o assassinato acontecido com a família Clutter no Kansas, ao invés de se tornar uma pequena nota de jornal, tornou-se, *A sangue frio*, a obra que mais representa o *New Journalism*, pois foi além do texto factual e objetivo do Jornalismo Diário, buscou desvendar o que havia por trás da história. Capote inaugurou aquilo que ele chamava de romance jornalístico, “[...] uma longa narrativa apoiada na prática jornalística, uma narrativa sem fabulação, sem formulação imaginativa [...]”. (BULHÕES, 2007, p. 149).

O *New Journalism* saiu dos Estados Unidos e migrou para outros países. No Brasil, chamado de Jornalismo Literário, teve seu início em 1966 com a revista *Realidade* que trazia em suas páginas a realidade brasileira explorando problemáticas como o latifúndio, a seca nordestina e a questão agrária, além de discutir temas que eram tabus na época, a liberdade sexual, aborto, homossexualidade, prostituição.

Assim Bulhões (2007, p. 143) destaca que a importância da revista *Realidade*:

[...] deveu-se à valorização da reportagem como gênero a um só tempo afirmativo da atitude jornalística e permeável a incursões próximas de realização literária. Em sua fase mais gloriosa, de 1966 a 1968, *Realidade* legou maciça produção textual desviante do caminho da padronização.

Além da revista *Realidade* que combatia a padronização da escrita jornalística, destaca-se o nome de Joel Siqueira e Nelson Rodrigues. Os jornalistas não aceitavam o padrão textual que roubava o estilo do jornalista, marca que individualiza a escrita, e, também, criticavam o efeito da objetividade e impessoalidade proveniente do modelo norte-americano.

Seguindo a tendência da revista *Realidade* e dos escritos de Joel Siqueira e Nelson Rodrigues, estão as obras *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* (1975), *Infância dos mortos* (1977) e *Em carne viva*, os três de José Louzeiro, *Cidade partida* (1994), de Zuenir Ventura, *Rota 66* (1992) e *Abusado* (2003), ambos de Caco Barcellos, livros que representam o Jornalismo Literário no Brasil.

Apesar da crítica dos jornalistas, tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil, no que se refere à padronização do Jornalismo, Pena (2006, p. 4) destaca que:

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo Diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolve-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas.

Assim, Pena (2006) define as características do Jornalismo Literário baseado em uma estrela de sete pontas, nas quais a primeira ponta significa potencializar os recursos do Jornalismo; a segunda, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos; a terceira, proporcionar visões amplas da realidade; a quarta, exercer plenamente a cidadania; a quinta, romper as correntes burocráticas do lide; a sexta, evitar os definidores primários e, principalmente, a última, garantir perenidade e profundidade aos relatos. Só assim o jornalista estará, de fato, produzindo Jornalismo Literário. Essas características serão analisadas neste estudo na obra **Rota 66**, de **Caco Barcellos**.

Um dos espaços que permite o aprofundamento da informação é o livro-reportagem. Segundo Lima (2004, p. 7), o livro-reportagem permite ampliar “[...] o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais,

pelas revistas, emissoras de rádio e televisão”. Além de dar profundidade aos temas apresentados no Jornalismo Diário, o livro-reportagem também, “penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade”. (LIMA, 2004, p. 7).

O livro-reportagem dá voz a acontecimentos que são apenas notas em jornais, buscando informar com profundidade as questões sociais, fatos e acontecimentos correntes e personalidades “[...] de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo” (LIMA, 2004, p. 39).

Resumindo a proposta de Lima (2004), ao Jornalismo cabe informar e orientar, já ao livro-reportagem, fica a responsabilidade de informar e orientar com profundidade, de forma a transformar-se em um instrumento de informação, seguindo as mesmas orientações do ofício dos jornalistas, elaborar a pauta, pesquisar, entrevistar o maior número de fontes possíveis, apurar todas as informações coletadas, entregando ao leitor uma narrativa verossímil e de credibilidade, pautada na ética e no respeito à sociedade que é público a quem se destina o Jornalismo, seja qual for o gênero.

Assim, produzir Jornalismo Literário significa aprofundar uma informação, buscando relacioná-la a outros fatos, comparando os dados obtidos, mostrando diferentes abordagens e ângulos, que permitam ao leitor conhecer os detalhes por trás daquele fato e seus desdobramentos, sejam sociais, políticos, econômicos, ambientais entre outros. O objetivo é levar informação com profundidade para o público.

## **2. A CONVERGÊNCIA ENTRE JORNALISMO E LITERATURA**

O Jornalismo é definido como a atividade que tem por objetivo apurar os acontecimentos, difundir informações atuais e objetivas, reproduzindo a realidade. A natureza do Jornalismo pressupõe fazer a existência ser algo observável, comprovável, palpável, que deve ser repassado com compromisso de caráter ético e de credibilidade. Assim, o Jornalismo vem a ser o testemunho do real, para testemunhar a realidade, sua ferramenta de captação é a linguagem.

Desta forma, diferente da Literatura que concebe a linguagem como fim, o Jornalismo vê a linguagem como meio, esse é o principal ponto de maior separação entre Jornalismo e Literatura, pois para a “literatura, a linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções.

Nesse sentido, se há algo para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem” (BULHÕES, 2007, p. 12).

Na Literatura, a estética da escrita está na estrutura textual, por meio dos recursos estilísticos, de sua construção que tem por objetivo atrair e causar emoções, fazer com que o leitor “compre” a história que está sendo contada. A estética da escrita jornalística está na forma como o profissional recorta a realidade e a reconstrói em uma notícia, mostrando os enquadramentos de uma realidade a partir das técnicas de redação.

No Jornalismo, a linguagem é utilizada como um caminho para a compreensão das diversas realidades existentes no mundo. Assim, Lage (2001) afirma que para a Literatura a linguagem é a própria informação, já para o Jornalismo, a linguagem é meio para informar os conteúdos necessários. Dessa forma, quando o Jornalismo entende a linguagem do mesmo modo que a Literatura, o Jornalismo converge com o campo literário.

Os estudos de Bulhões (2007) apresentam que a obra literária objetiva recriar a realidade, o que faz surgir uma supra realidade. Essa supra realidade está ligada à fabulação, à criação de situações ou mundos paralelos que não possuem compromisso com a realidade racional do mundo empírico. A Literatura vive em um campo no qual se predomina a fantasia, a ficcionalidade, pois parte do despertar da subjetividade humana e da atividade imaginativa.

A matéria do Jornalismo diverge da Literatura, enquanto ela toma para si a vida no campo na imaginação, o Jornalismo parte da vida que é concreta, tocável e demonstrável, conhecendo e registrando as realidades que podem ser comprováveis e aparentes. Adquirindo a credencial de ser reconhecido como quarto poder que atua como vigilante do poder público e de porta-voz da sociedade. “Assim, o Jornalismo passa a formular a respeito de si próprio um discurso que o associa ao compromisso de dizer a verdade e nada mais que a verdade”. (BULHÕES, 2007, p. 23).

Mesmo com as divergências existentes entre Jornalismo e Literatura, no que se refere a sua base de conceitos e características, há um ponto de convergência essencial, a narratividade. “Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto à jornalística”. (BULHÕES, 2007, p. 40).

Assim, é preciso destacar que a narratividade está vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade. A Literatura supre essa necessidade a partir de um viés imaginativo e alegórico, diferente do Jornalismo que busca supor uma “verdade” que é objetiva, testemunhal comprovável.



Os gêneros literários e jornalísticos formam pares. O conto e o romance da Literatura eram encontrados na notícia e na reportagem do Jornalismo, tanto o conto por ser uma história mais breve como a notícia, quanto o romance por ser mais extenso como a reportagem.

No século XIX, a convergência entre Jornalismo e Literatura era mais acentuada, principalmente, pela migração de jornalistas e escritores entre ambos os campos. Havia jornalistas que escreviam reportagens com a estética da escrita literária, isso significa escrever com riqueza de detalhes, uso de linguagem coloquial, presença de diálogos, inserção do repórter na narrativa e subjetividade. Além disso, escritores passaram a publicar obras literárias baseadas na realidade social, utilizando a prática jornalística, que corresponde à apuração e captação de informações, extensas pesquisas e entrevistas.

Esse período é marcado pela presença do Naturalismo e Realismo influenciados pelo “positivismo de Comte, os estudos de Darwin e Claude Bernard, a presença das ciências naturais, da fisiologia, da medicina formariam um repertório que lançava um banho de concretude e cientificismo à vida social e aos destinos do homem” (BULHÕES, 2007, p. 63).

Destacando-se autores como Balzac, Dickens, Flaubert, Émile Zola, Eça de Queirós e Aluísio Azevedo, que recusavam a imaginação e adotaram a observação social e pesquisa da realidade. Um exemplo é o caso de Aluísio Azevedo ao lançar a obra *Casa de pensão* (1884) baseada em crime ocorrido em 19 de novembro de 1976, no qual o estudante João Capistrano é assassinado com cinco tiros por seu ex-colega Antônio Alexandre Pereira. Eis que um fato jornalístico torna-se um clássico da literatura.

Mas essa aproximação entre Jornalismo e Literatura foi rompida a partir dos anos 60, quando os Estados Unidos iniciaram a padronização da escrita jornalística com a criação do lide. O padrão norte-americano estava centrado na objetividade, impessoalidade e na negação dos recursos estilísticos tão utilizados pela literatura.

Esse padrão não foi aceito por todos os jornalistas da época, por isso Gay Talese, Jimmy Breslin, Tom Wolfe iniciaram um movimento chamado de *New Journalism*, que defendia aliança entre Jornalismo e Literatura. O *New Journalism* estava centrado na prática textual como nos textos publicados “na *Esquire*, e no *Harold Tribune*, por gente como Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, até atingir a configuração de grandes narrativas com feição de romance, nas obras de Truman Capote e Norman Mailer” (BULHÕES, 2007, p. 145).

Essa aproximação fez surgir um novo gênero, o romance de não-ficção. O Jornalismo e Literatura voltam a se convergir, resgatando as concepções dos jornalistas e escritores do século XIX, que buscavam escrever sobre a realidade social observada e vivida. Hoje essa aproximação é mais acentuada, pois tanto a Literatura passa a retratar a realidade social



quanto o Jornalismo utiliza a escrita literária, compondo livros que contam baseados na vida real.

### 3. ANÁLISE DO LIVRO REPORTAGEM ROTA 66 CACO BARCELLOS

O jornalista Cláudio Barcellos de Barcellos, conhecido como Caco Barcellos, nasceu na periferia da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, na Vila São José de Murialdo, onde sempre presenciou e revoltava-se com as brutalidades cometidas pelo abuso de poder da polícia local. Como jornalista, iniciou seu trabalho em Porto Alegre, trabalhando no jornal *Folha da Manhã*. Em 1970 foi um dos criadores da revista *Versus*, periódico especializado em reportagens sobre a América Latina. Além de ser criador da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Também atuou nas revistas *Isto É* e *Veja* principais revistas brasileiras. Na *Rede Globo*, iniciou seu trabalho como jornalista correspondente internacional em Nova York, apresentando por seis anos o programa *Globo News*. Em 2001, foi correspondente em Londres, também pela *Globo*. Já trabalhou nos principais programas da emissora, como *Globo Repórter*, *Fantástico* e *Jornal Nacional*.

Hoje comanda o programa semanal *Profissão Repórter*, quadro que era apresentado no *Fantástico*, mas que devido à repercussão do quadro passou a ter horário na grade da emissora a partir de 2008. Além de jornalista, também é escritor, seu primeiro livro foi **Rota 66**, obra que denuncia um grupo de policiais matadores de inocentes e ou suspeitos de crimes, os oficiais pertenciam às Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar Rota (Rota).

Barcellos descreve os detalhes de violência, abuso de poder e os crimes policiais na cidade de São Paulo, mostrando a corrupção existente na PM paulista. A obra reúne um banco de dados, que demorou oito anos para ser organizado, no qual o autor coletou notícias das mortes em tiroteios, no necrotério e entrevistas, a partir do Jornal Notícias Populares.

O livro é composto por três partes, na primeira, o jornalista relata a perseguição da Rota 66 ao fusca azul que aconteceu no bairro Jardim América de São Paulo, em que três jovens foram assassinados. Na segunda, Barcellos retrata sobre os matadores, realizando um perfil dos policiais criminosos e corruptos que atuavam na polícia militar de São Paulo. Na terceira parte do livro, o autor descreve os inocentes, bem como suas famílias e realidade de vida.

### 3.1 Potencializa os recursos do Jornalismo

De acordo com Pena (2006), no Jornalismo Literário a técnica do jornalismo do diário é aperfeiçoada e desenvolvida. A apuração e captação de informações rigorosas, a observação, a ética profissional, a intensa pesquisa são etapas cumpridas pelos jornalistas diários que devem ser seguidas pelos literários para a construção de uma obra jornalística-literária, eles devem potencializar os recursos do Jornalismo.

Essa característica está presente no livro **Rota 66**, de **Caco Barcellos**, percebe-se pela inserção de dados históricos, estatísticos e comparativos que o autor seguiu as etapas de apuração, captação e edição das informações para compor o livro. Além de escrever as informações, Barcellos as interpreta com precisão dados que só poderia ter conseguido se o jornalista, de fato, utilizasse os recursos que o jornalismo diário oferece, a exemplo dos trechos a seguir:

Em 1990, [...] o assaltante matava uma pessoa a cada dois dias. Já os policiais militares entraram a década matando quase duas pessoas por dia. Alcançaram um recorde em 1991: quase quatro por dia. A estatística sobre as mortes por causa não natural, termômetro da violência, mostra que a cidade se tornou 10 por cento mais perigosa no período de 81 a 91. (BARCELLOS, 1997. p. 141)

O cruzamento das duas fontes judiciárias nos permite afirmar com segurança: se em um total de 3.523 vítimas da PM por nós identificadas 1.496 eram criminosas — o que representa 42,6 por cento — os outros 57,4 por cento nunca haviam praticado crimes na Grande São Paulo. Identificamos 2.027 inocentes assassinados pelos matadores da PM. (BARCELLOS, 1997. p. 286).

No primeiro trecho, o autor apresenta dados estatísticos e comparativos sobre o número de homicídios ocorridos na década de 1990, ressaltando a diferença entre mortes ocasionadas por assaltantes e policiais, que chega a ser um óbito em assaltos para cada quatro em operações policiais. No segundo, Barcellos mostra o índice de vítimas mortas pela PM, no qual mais de 50% não tinham antecedentes criminais.

Além de dados colhidos pela análise de boletins de ocorrências, segundo Barcellos (2006. p. 130), “depois de examinarmos mais de oito mil edições do Jornal Notícias Populares era necessário arquivar as informações em computador. Já tínhamos um resumo das notícias sobre mais de 3.200 tiroteios envolvendo pessoas suspeitas e policiais militares”. Nesses trechos, vemos a aplicação dos recursos do Jornalismo, pois Barcellos apresenta as

informações de forma detalhista, dados que podem ser comprovados, intensa pesquisa, elementos que imprimem à narrativa de caráter de apuração rigorosa dos fatos e dá a obra credibilidade.

### 3.2 Ultrapassa os limites do acontecimento cotidiano

A segunda característica apontada por Pena (2006) diz que o Jornalismo Literário ultrapassa os limites do acontecimento cotidiano. Isso quer dizer romper com a periodicidade e a atualidade, duas características do jornalismo diário. Romper com a periodicidade refere-se ao *deadline*, o jornalista tem um determinado tempo para cumprir uma pauta, e romper com a atualidade, significa não se prender ao factual, o que aconteceu hoje e agora.

A obra de Barcellos, **Rota 66**, surgiu a partir do assassinato de três jovens de classe média ocorridos no bairro Jardim América na cidade de São Paulo. O crime foi cometido por policiais militares das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota). A partir desse caso, o jornalista resolve investigar outros casos no período de 1970 a 1992, o que caracteriza essa fuga tanto do *deadline* quanto do factual, pois Barcellos passa mais de vinte anos pesquisando os casos, mas que só noticiar os homicídios dos três jovens, ele resgata outros casos de violências.

O estudante e poeta Augusto Junqueira, de 19 anos, segue com o rosto grudado no vidro lateral esquerdo manchado de sangue [...] Carlos Ignacio Rodríguez de Medeiros, o Pancho, agora está sendo metralhado pelas costas. Um tiro penetra na sola do pé. O corpo ainda se mexe. Pontaria na nuca, em seguida mais um disparo fatal: Pancho, o forte, não se movimenta mais. [...] Mesmo baleado nove vezes, Francisco Noronha ainda respira. Um dos PMs chega bem perto. Dispara dois tiros. Um ao lado da boca. O outro, disparado a 1 metro de distância, atinge o peito, em cima do coração (BARCELLOS, 1997, p. 50-54).

No trecho acima, o autor descreve como aconteceu o assassinato dos jovens do Jardim América, fato que despertou no jornalista a ambição de investigar outros casos de violência cometidos por policiais. Mais que descrever em detalhes esse episódio, Barcellos apresenta também outros casos do abuso de poder cometidos por policiais militares na cidade de São Paulo, que caracteriza **Rota 66**, como uma obra que ultrapassa os limites do cotidiano.

O tenente Nepomuceno dispara o primeiro tiro a 2 metros de Bossato, que continua de pé, sem esboçar qualquer reação. O segundo disparo à queimadura explode no rosto do filho de dona Ilda, que ainda tenta abraçá-lo.

Desequilibrado pelo tiro certo na boca, Bossato cai de costas. (BARCELLOS, 1997, p. 106).

Paulo Antônio Ramos, de 15 anos, morto em um suposto tiroteio com quatro tiros no peito e um na cabeça, era uma das vítimas do cabo José Cláudio dos Santos. Na madrugada do caso Rota 66, José Cláudio integrava a equipe da Rota 17, que participou da perseguição aos três rapazes do Fusca azul e ajudou a levá-los já mortos para o Hospital das Clínicas. (BARCELLOS, 1997, p. 122).

Os trechos acima exemplificam a segunda característica apresentada por Pena (2006). Os outros casos apresentados por Barcellos mostram além da notícia factual, que um fato do cotidiano não é algo isolado, mas um entre muitos da mesma natureza que ocorrem de forma corriqueira na sociedade. O crime do Jardim América é uma problemática que deve ser apresentada e discutida, o Jornalismo Literário é um modo de ultrapassar esses acontecimentos do cotidiano.

### 3.3 Proporciona uma visão ampla da realidade

A terceira ponta proposta por Pena (2006) caracteriza o Jornalismo Literário como um gênero que proporciona uma visão ampla da realidade. O jornalista deve contextualizar a informação, abrangê-la da melhor forma possível, diferente do jornalismo diário em que a notícia deve ser de forma objetiva e impessoal. Apesar dessa abrangência, deve-se ficar claro que, independente do Jornalismo Literário proporcionar uma visão da realidade, sempre será um recorte da realidade. Mas uma interpretação completa que permite ao leitor ter várias visões de diferentes ângulos sobre um determinado acontecimento.

Em **Rota 66**, Barcellos descreve os fatos a partir de muitas entrevistas e pesquisas que realizou, por manchetes de jornais, os inquéritos policiais, os laudos do Instituto Médico Legal (IML), depoimentos de testemunhas e familiares da vítima. O autor escolhe contar a narrativa sob viés tanto das testemunhas e familiares quanto dos policiais.

É possível perceber essa característica quando Barcellos (1997) descreve os fatos dos homicídios, como no caso de Roberto Mendes, cantor e *cover* de Roberto Carlos, que foi confundido pelo soldado Rony Jorge da Silveira Paulo, motorista da Rota 17, quando iniciava a perseguição a um carro roubado, ocupado por três homens. Mendes foi surpreendido pelos faróis da viatura quando saía às 2h da manhã do Clube Portuguesinha e recebeu uma rajada de metralhadora.

As manchetes de jornal no dia seguinte mostravam que “Perigoso assaltante morre depois de violento tiroteio com os policiais”. Os policiais afirmaram que o motivo da morte de Roberto Mendes, pela versão oficial, seria que ele reagiu efetuando disparos em direção aos policiais, que de imediato abriram fogo contra aquele indivíduo. Além de ser apontado como responsável pela sua própria morte, Mendes ainda foi acusado, sem nenhuma prova, de ter praticado um assalto minutos depois de ter roubado o carro.

Esse exemplo mostra como o jornalista literário apresenta os fatos de forma a apresentar ao leitor uma visão ampla da realidade. Barcellos possibilita que se veja os vários pontos de vista de uma mesma narrativa, não só o “contar história”, mas também, como os jornais veiculam matérias baseadas apenas em fontes oficiais, bem como a impunidade que os recebem militares pelo homicídio de inocentes.

### **3.4 Exercita a cidadania**

Para Pena (2006), exercitar a cidadania é a quarta característica do Jornalismo Literário, faz parte do compromisso do jornalista com a sociedade, é sua função social, levar ao leitor aquilo que ele precisa saber, principalmente, injustiças sociais. Ao escrever um livro, o jornalista literário deve estar atento ao tema ao qual se propõe falar e se perguntar: De que forma vai abordar o tema? O que pode contribuir para a sociedade?

Por isso, Barcellos escolhe falar sobre um assunto muito presente e pouco discutido tanto na sociedade dos anos de 1970 a 1990 quanto nos tempos contemporâneos. O jornalista retrata a realidade dos policiais militares da Rota de São Paulo e a “perseguição violenta e sistemática exclusivamente contra o que eles chamam de marginal: o cidadão proveniente da maioria pobre que causa prejuízo à minoria rica da sociedade” (BARCELLOS, 1997, p. 26).

Ao iniciar sua pesquisa a partir do caso do Jardim América, Barcellos tinha por objetivo investigar e conhecer o perfil das vítimas, bem como as circunstâncias em que elas são mortas pela Polícia Militar. Foi essa inquietação que suscitou no autor o interesse em mostrar para a sociedade a realidade do trabalho realizado pelos policiais da Rota de São Paulo.

Assim, Barcellos exerce a cidadania ao buscar testemunhar uma história, que julga importante, de interesse social, apesar dos riscos que corre. Para ele, isso só não é pior do que fazer a cobertura do velório de uma pessoa que foi morta pela Polícia Militar, principalmente, se for um cidadão, que, na maioria das vezes, são jovens inocentes, pobres, das favelas e trabalhadores.

### 3.5 Rompe com as correntes do lide

A quinta característica do Jornalismo Literário rompe com as correntes do lide, uma vez que ele é o primeiro parágrafo de uma reportagem, esse texto deve responder a seis questões básicas: quem, o quê, como, onde, quando, por quê, mas no jornalismo isso é diferente. O lide tem caráter objetivo, impessoal e direto, que ameniza a influência da subjetividade do autor na narrativa.

Barcellos inicia **Rota 66** descrevendo o assassinato de três jovens durante uma perseguição no bairro Jardim América na cidade de São Paulo, mas ele não se prende a simplesmente responder as perguntas básicas, ele vai além. O jornalista começa retratando a perseguição da polícia ao carro dos jovens, detalhando as características do ambiente, dos objetos e a ação dos personagens.

A Veraneio cinza nunca esteve tão perto. A 200, 300 metros, 15 segundos. A sirene parece o ruído de um monstro enfurecido. Os faróis piscam sem parar. O farolete portátil de 5 mil watts lança luzes no retrovisor de todos os carros à frente. Os motoristas, assustados, abrem caminho com dificuldade por causa do trânsito movimentado nesta madrugada de quarta-feira, no Jardim América (BARCELLOS, 1997, p. 8).

O autor continua a narrativa de tal forma que permite ao leitor visualizar a cena, como se estivesse em um cinema assistindo a um filme.

A Veraneio, com manobras bruscas, vai chegando perto, cada vez mais perto dos três homens do Fusca azul. Eles estão na Maestro Chiafarelli e têm à frente uma parede de automóveis à espera do sinal verde para o cruzamento da avenida Brasil (BARCELLOS, 1997, p. 8).

Essa descrição detalhista, também é uma das características do Jornalismo Literário, a utilização de uma linguagem mais informal, minuciosa, que aproxima o leitor da cena descrita pelo narrador, é a linguagem cinematográfica, essa escrita é muito mais presente em obras da literatura, como os romances.

O motorista do Fusca azul, Francisco Noronha, sem tirar o pé do acelerador, reduz da quarta marcha para a terceira, em seguida para a segunda, e, ao girar o volante à esquerda, a roda dianteira bate no canteiro divisor de pista. Sem perder o controle, imediatamente ele gira à direita e segue em direção à calçada oposta. Sobe o meio-fio. Quase atropela um grupo de jovens, que tenta proteção junto ao muro (BARCELLOS, 2006, p. 8).

A sequência de relatos acima possibilita ver essa técnica de escrita. Aqui, Barcellos relata passo a passo a movimentação do motorista do Fusca Azul, o carro dos jovens, perseguidos pelos policiais, destacando todas as suas ações de forma cronológica, diferente do lide que iria apenas dizer, quem são os jovens, onde, quando e por que são perseguidos.

O Jornalismo utiliza essa linguagem para dar subjetividade os textos jornalísticos, tendo em vista que o jornalismo diário visa a objetividade dos fatos, o que torna a notícia sem criatividade, elegância e estilo. Por isso, faz-se necessário que os jornalistas fujam da fórmula do lide e passa a inserir em seus textos as técnicas de escrita literária de construção de narrativas jornalísticas.

### 3.6 Evita os definidores primários

Nos estudos de Pena (2006), a sexta ponta da estrela evita os definidores primários, são as fontes oficiais. Pessoas que ocupam cargos públicos ou especialistas, o jornalismo diário faz muito uso desses informantes para a construção de notícias. Para o Jornalismo Literário, essas fontes devem ser evitadas, como governadores, ministros, advogados, psicólogos, no caso de **Rota 66**, os delegados e os policiais militares.

Na obra de Barcellos, o jornalista utiliza fontes não oficiais, pois ele ouve os familiares e amigos das vítimas mortas em supostos tiroteios por policiais. Essas entrevistas são realizadas nos corredores do Instituto Médico Legal, bem como em visitas às famílias das vítimas, em que o jornalista faz anotações diárias num caderno de capa vermelha e preta. As observações e entrevistas feitas no pátio do necrotério formam, desde já, sua primeira fonte da pesquisa, mas não a única.

A outra fonte do meu Banco de Dados Não Oficiais é o arquivo do jornal com grande quantidade de fatos policiais, o Notícias Populares, o NP. A maior parte dos casos de pessoas mortas pela Polícia Militar é escrito no NP a partir das informações do Boletim de Ocorrência, ou da Nota Oficial divulgada pelo Serviço de Relações Públicas da PM (BARCELLOS, 1997, p. 74)

Assim, evitando as fontes oficiais, o autor consegue retratar o outro lado da história, a versão não oficial que é camuflada pelos policiais militares, versão essa que não está presente no jornalismo diário, isso se deve à falta de tempo e de espaço nos jornais. No trecho a seguir, Barcellos (1997, p. 280) utiliza fontes anônimas, sem descrições de nomes: “os presos foram



testemunhas do sofrimento de Zezinho desde a sua chegada ao xadrez. Viram dois carcereiros arrastando-o pelos corredores, porque não tinha condições de manter-se de pé”.

Como o jornalismo diário trabalha com o *deadline*, os repórteres procuram primeiro as fontes oficiais, porque se acredita que elas tenham todas as informações necessárias. Vale ressaltar que é necessário romper com as fontes oficiais e procurar as informações ouvindo o cidadão comum, as fontes não oficiais e testemunhas, para preencher lacunas e mostrar ao leitor os pontos de vista ainda não abordados.

### 3.7 Garante permanência e profundidade aos relatos

A última característica assinalada por Pena (2006) refere-se à permanência. O autor justifica que uma obra literária não deve ser superficial, ao contrário do jornalista diário, o literário busca o aprofundamento, não é um fato noticiado hoje e que no dia seguinte é substituído por outro, o objetivo é que o livro permaneça na memória, seja ela individual ou coletiva.

**Rota 66** é uma obra marcante no Jornalismo Literário brasileiro, isso deve-se a construção sistemática de seu enredo que mostra uma realidade multifacetada. A realidade do jornalista na busca por fatos de violência policial ocorridos na cidade de São Paulo, que partiram do caso Jardim América, que desencadeou no descobrimento de uma série de homicídios da mesma natureza. Além dessa realidade Barcellos mostra o cotidiano do repórter investigativo na busca desses casos de impunidade e abuso de poder.

O que torna permanente a obra de Caco Barcellos é a abordagem dada pelo autor sobre a realidade das atitudes da polícia militar de São Paulo, que não é um caso isolado, mas que se repete em outras cidades do Brasil. Os fatos apresentados por Barcellos mostram a corrupção da Polícia Militar, o abuso de poder e a impunidade dos servidores que deveriam combater a violência, mas fazem o contrário. Essas são as denúncias que o autor realiza em **Rota 66**, fazendo dos seus oito anos de pesquisa uma obra que marca o Jornalismo Literário no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo passou por diversas transformações ao longo dos tempos, desde sua pré-história, iniciado no século XVII, até o quarto jornalismo, de 1960 até hoje. Essas transformações estão ligadas ao modo de se fazer Jornalismo. Antes, no século XVII, o jornal era comparado ao livro, seja em sua linguagem ou seu formato. Mas a partir do final do século

XVII, passa a ser caracterizado por seu conteúdo literário-político e de crítica social sob ótica dos escritores, políticos e intelectuais da época.

Durante o século XIX, o Jornalismo é marcado pelo surgimento da imprensa de massa, iniciando o processo de profissionalização dos jornalistas, com um novo formato de texto das reportagens e manchetes, além do uso publicidade que consolidou economia do mercado jornalístico. A partir de 1900 a 1960, começa a imprensa monopolista que detenha o poder econômico e político de grande parte do mercado editorial. Assim, na segunda metade do século XIX até os tempos atuais, o Jornalismo é marcado pela era tecnológica de transmissão de informações imediatas e em tempo real.

Inserido nessa trajetória, está o Jornalismo Literário muito presente nos jornais nos séculos XVII e XIX até os dias de hoje. A partir da década de 1990, no Brasil, esse gênero tornou-se mais visado por escritores e jornalistas. Um exemplo é a obra em estudo **Rota 66**, de **Caco Barcellos**, que utiliza as técnicas do Jornalismo Literário para a construção de uma narrativa mais detalhista, verossímil e humanizada. Barcellos dá uma cobertura mais aprofundada sobre os crimes cometidos por policiais militares da cidade São Paulo.

Esses casos não tiveram uma cobertura especial pelos jornalistas da época, os quais só vieram a fazer questionamentos quando, em um desses assassinatos, aconteceram com jovens de classe média alta, antes a imprensa só reproduzia as informações transmitidas pelos boletins de ocorrência.

Assim, Barcellos foi o pioneiro ao questionar os homicídios praticados pelos oficiais militares. Em sua obra, percebe-se as características do Jornalismo Literário debatidas pelo teórico Felipe Pena (2006), o qual define sete características básicas que devem ser seguidas pelos jornalistas, a potencialização dos recursos jornalísticos, o rompimento dos limites dos acontecimentos cotidianos, das correntes burocráticas do lide, dos definidores primários, proporcionado visões amplas da realidade, o exercício pleno da cidadania e a garantia de permanência e aprofundamento dos relatos

Dessa forma, o Jornalismo Literário vai além da objetividade e impessoalidade, tal qual buscou Barcellos em **Rota 66**, mostrando a realidade por trás dos dados oficiais divulgados pelo polícia militar e reproduzidos pela grande imprensa. O jornalista apura os fatos com profundidade e humanização, utilizando as técnicas da escrita literária em conjunto com as técnicas jornalísticas de captação e apuração de informações, resultando em um livro-reportagem que é referência para o Jornalismo Literário no Brasil.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**: a história da polícia que mata. 29<sup>a</sup>. ed. — São Paulo: Globo, 1997.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília: UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica e entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2. ed. São Paulo: Manole, 2009.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. Disponível em <<http://felipepena.com/>>. Acessado em 10 de junho de 2017.